

Divisão social, violência, figuração

J. SERRAS GAGO *

«Certes le rôle de la violence dans les changements politiques majeurs ou la conservation du pouvoir était déjà souligné par Aristote, la pensée machiavélienne y voyait l'élément central de l'action politique. Mais c'est ce que s'était efforcé d'occulter l'idée de légitimité institutionnelle incarnée par l'État qui, par là, rejetait toute violence dans la sphère de la politique internationale.»

«Ce jeu des gammes et des contre-gammes, de l'innovation et de la concurrence trouve son expression dans ce qu'on appelle exemplairement des panoplies.»

YVES MICHAUD, *Violence et Politique* (p. 65; p. 30).

A nenhum analista escapa a recente plethora de livros, ensaios, revistas, colóquios sobre a violência. Tendo-se implantado, «en haut de gamme», no mercado de trabalho universitário, a violência também, neste sentido, se reproduz de modo alargado. O arquivo da *Fondation Nationale des Sciences Politiques* recenseia trinta e quatro obras sobre este tema nos sessenta e quatro anos que decorrem entre 1906 e 1970 sendo a maioria de data posterior a 1963. Por outro lado, no período que decorre entre 1970 e 1978 o arquivo acusa quarenta e três livros.

* J. S. G. é Assistente de Sociologia Política no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Este texto/montagem sinaliza, de modo preliminar, as ideias directrizes de um estudo, agora em vias de começo, sobre as modulações da violência nas sociedades de hoje.

«C'est l'apparition à soi d'un social divisé, où les mécanismes de reconstitution d'une communauté imaginaire sont désormais défailants, qui constitue la condition d'apparition de la violence du social. Très profondément, dans la situation historique qui est la nôtre, cette défaillance est liée à l'envahissement du social par la rationalité instrumentale des sociétés industrielles» (Michaud, 1978, *sublinhado por mim*).

O que desperta a atenção? Os «factos» ou as «representações dos factos»? Por um lado, a realidade das violências é cada dia mais massiva. Por outro lado, essa realidade é cúmplice da sua própria figurabilidade através dos *media*. A realidade da violência torna-se imaginária. Acedemos à banalização das violências através de uma encenação que não pode, ela própria, escapar às suas regras internas. «On ne peut figurer ni diffuser n'importe quoi. Les formes de la violence se voient aussi déterminées et classées a priori: celle de la responsabilité dans la manifestation qui se termine «sans incident», celle de l'aventurisme dans la manifestation sans d'ordre ou «dont on ne répond pas», celle de la terreur dans la rafle ou le quadrillage urbain, celle de l'irresponsabilité dans le terrorisme publicitaire, celle de Zorro dans le montage parfait d'un coup de main spectaculaire (style les actions des Tupamaros). Comme s'il avait au fond un marché des images, avec des

offreurs concurrents, des demandeurs plus ou moins intéressés, des conseils en communication: on améliore l'image de l'armée et de la police, on organise des manifestations responsables, on exproprie symboliquement les capitalistes, on détient les ennemis du peuple dans des prisons du même nom, on donne la représentation clandestine d'une justice populaire. C'est la logique du spectacle» (Michaud, 1978).

É raro que se logre obter imagens da «violência em directo». Mais vulgarmente, o que os «media» captam e encenam é um «ante» ou/e «post» que sugerem a ocorrência da «violência». Sabe-se como disto se exceptuam, por exemplo, os atentados ao presidente dos Estados Unidos, mas também não se ignora como esse símbolo individual do poderio de uma grande nação é permanentemente «olhado» pelos «media» como virtual produtor de matéria teatralizável. Como contra-prova cite-se o pouco provável, no sentido estatístico, encontro de acontecimentos que permitiu gravar as «imagens de marque» (*Cahiers du Cinéma*) da captação «em directo» do assassinato de um jornalista americano por um guarda nacional na Nicarágua ainda somozista. Imagens sem remédio «où le réel a brûté le caractère d'image» (Walter Benjamin). Nesses momentos de suspensão/desencadeamento da violência assassina tudo, ao contrário do habitual, no momento da «captura», está «em campo», «in», no esquadramento do mesmo plano fixo: rastejar do jornalista/vítima até à patrulha somozista, silhueta do soldado/assassino, diálogo entre os dois «adversários», banda sonora síncrona com as imagens: «don't shoot! don't shoot!», «bang»/estremecer convulsivo do corpo, pontapés/revirar do corpo pela bota somozista. «Quelle que soit leur intensité, les images ne sont que des images. Dans l'expérience immédiate, la violence, ce sont du bruit du sang, de la fureur, de la peur et l'on est rarement simple spectateur: il faut agir, obéir, faire son travail, s'abriter. L'implication est corporelle, sensorielle, pratique. Du sang, ce n'est pas seulement une flaque brillante sur le papier glacé d'un magazine de luxe ou des taches noires sur un mauvais belino, c'est pois-

seux, tiède, douceâtre, ça coule, il faut l'arrêter ou éventuellement on n'a même pas le temps de s'en occuper. *En ce sens l'effectivité de la violence est celle d'une dégradation irréversible, l'infigurable même.* Les images de la violence se bornent à tourner autour» (Michaud, 1978).

Como fechar o círculo que vai da «violência» à «representação da violência»? Sendo a violência real, exhibe-se aos nossos olhos apenas através de modos específicos de representação do social. A compreensão do fenómeno da violência o qual não suporta a circunscrição exclusiva nos mais evidentes fenómenos da guerra de massas, dos genocídios «à indonésia» ou «à Khmer», dos campos de concentração (Bruno Bettelheim, Léo Scheer), fenómeno que reclama a pertença simultânea à função totalitária e fundadora, só é alcançável através de uma operação de enraizamento cultural. É por isso que uma teoria da violência reclama o suporte de uma antropologia. A tentação positivista pretende resolver o problema complexo da mediação da representação adaptando um ângulo de ataque que apenas interrogasse uma espécie de mínimo vital de factos irredutivelmente objectivos: objectos e comportamentos. «The concept represents a set of events, a common property of which is the actual or threatened use of violence, but the explanation is not limited to that property. The concept subsumes revolution, ordinarily defined as fundamental socio-political change accomplished through violence. It also includes guerrilla wars, coups d'état, rebellions, riots. Political violence is in turn subsumed under «force», the use or threat of violence by any party or institution to obtain ends within or outside the political order... *Limited violence also can be useful for rulers and for a political system generally, especially as an expression of social malaise when other means for making demands are inadequate.* Ethical judgements are held in obedience in this study to avoid dictating its conclusions» (Gurr, 1970, *sublinhado por mim*). «Le défaut radical de toute définition positive tient justement à ce qu'elle cherche à faire: exclure les significations évaluatives et normatives en fonction

desquelles la violence est appréhendée, pour ne s'intéresser qu'à des données assignables. *L'évaluation du point de vue normatif conduit seulement à des regroupements arbitraires, à reconnaître banalement que tout est violence, brutalité, rudesse...* Qu'elle tombe ou ne tombe pas dans la banalité, une définition positiviste de la violence ne peut pas prétendre à l'objectivité en se situant au-dessus des évaluations: elle-même en suppose... Elle est une évaluation dans le conflit des évaluations» (Michaud, 1978). A deriva positivista procura apoiar-se numa definição que recorra apenas a objetivos e comportamentos: «après tout, un cadavre est un cadavre. Comme on peut le constater, une définition de cette sorte ne fait référence qu'à des comportements assignables: Les atteintes physiques aux personnes et la destruction des biens» (Michaud, 1978). Sociólogos dependem tesouros de perícia estatística, ou até simplesmente tesouros para demonstrar que a violência tende a aumentar com os crescimentos, o económico e as frustrações económicas. Psicólogos procedem de igual modo, mas em relação simplesmente a frustrações. Numa sociedade bloqueada, a violência pode constituir um investimento «aceitável», canalizando, em curto prazo, um fluxo de informação que as redes sociais normais não estão em condições de veicular.

Esta visão facilmente se encontra de acordo com uma concepção instrumental da violência, submetida ao cálculo do «Social malaise», não já o resíduo infigurável e não-banalizável, mas sim um meio equivalente a qualquer outro e com todos os outros comparável apenas segundo um critério de eficácia relativa. «It is possible that political violence can increase the sum of satisfactions of society's members. This can be true if violence and its immediate effects are intrinsically valued more than the material and human resources it consumes, or if violence serves a popularly approved regulatory function, as it did for the American vigilante movements. A hypothetical relationship of this type is shown schematically in fig. A. It is likely that high magnitudes of violence destroy more than they create, at least in the short run. When the

time dimension is taken into account, however, intense political violence, though it destroys much in the short run, may have the long-run payoffs either of stimulating rulers to increase outputs or of restructuring society in such a way that total satisfactions are substantially increased. This kind of relationship is sketched in fig. B.

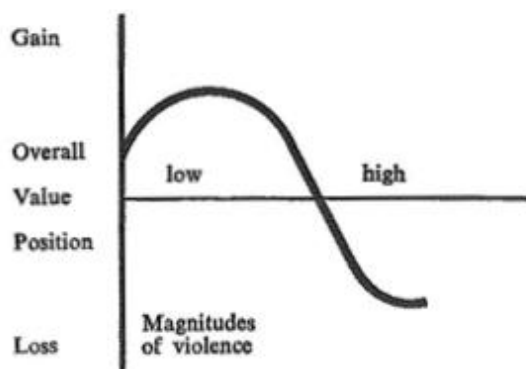


Fig. A—Hypothetical effects of violence on satisfactions in a society in which violence is valued, at time X.

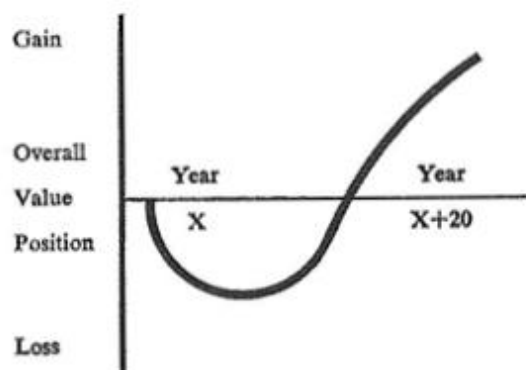


Fig. B—Hypothetical effects of intense violence on satisfactions in a society in which violence leads to reforms, over time.»

GURR (1970)

Diferentes tipos de discursos sobre a violência circulam no nosso espaço social. A noção de violência representa a função de um indicador — nos vários sentidos que a palavra comporta — da subjectividade que atravessa o social. Quatro grandes tipos de discursos dominam a cena. «À bien des égards, les discours

sur la violence témoignent de *la nudité du politique*, contribuant à cette nudité et cherchent maladroitement à la cacher sans y parvenir. Tel est le sens précis de ce que nous appelons leur fonction de dénégation» (Michaud, 1978, *sublinhado por mim*). O primeiro tipo de discurso é o discurso das margens e da fronteira: a violência nem é verdadeiramente exterior ao social nem tão-pouco se encontra no seu interior. É o grande tipo de discurso sobre a criminalidade, discurso que encontra suporte em todas as mitologias da ordem e nas denúncias da subversão, da delinquência, da dissidência, da marginalidade. O segundo tipo de discurso é o que perpassa na lucidez clínica do realismo político: utilização racional e cuidadosa (Max Weber) daquilo que, afinal, não é mais do que um meio igual a qualquer outro, sujeito às regras gerais do cálculo político de acordo com meros critérios de relação custos-benefícios comparados. Perpassa claramente na ironia amarga de Plantu: «Mais où ces jeunes vont-ici chercher toute cette violence?» O terceiro tipo de discurso: «Face enfin à l'évidence d'un social préverti où la violence circule sous les formes les plus diverses, il y a enfin les discours de la révolte qui cherchent désespérément, dans la distinction entre une bonne et une mauvaise violence, la justification pour en finir avec lui» (Michaud, 1978, *sublinhado por mim*). O quarto tipo de discurso é, finalmente, o da não-violência (ex: Lanza del Vasto) entendido não

como um novo tipo de problema trazido para o seio da violência mas como tentativa de romper com a espiral da violência.

Assiste-se hoje a uma crescente *acessibilidade* a meios de violência elementares, quase em sistema de mercado livre. A *acessibilidade* torna efectivas situações de violência latente produzidas com meios que povoam o quotidiano do comércio a retalho. Na parte «bas de gamme», a fácil acessibilidade poderia sugerir o uso em larga escala de tais métodos. No entanto, se o *acesso* é relativamente fácil, a continuação do «comprometimento» torna-se hoje mais difícil devido à *estratificação das gamas*, a qual exige saltos qualitativos inimagináveis há poucos anos atrás. A existência de *panóplias* de armamentos produz consequências ambíguas, uma delas consistindo na *ubiquidade* da violência a qual, por sua vez, exige a sua *limitação* através da *gradação*. Esta dialéctica reconstitui a escalada da violência porque ao *banalizar* a violência *graduada e limitada*, naturaliza em grande medida o seu emprego.

A ubiquidade da violência é incrementada pela lógica das panóplias instrumentais. Esta tende a criar um «continuum» de respostas disponíveis a desafios eventuais. A possibilidade da ausência de continuidade no desdobrar de uma panóplia de qualquer tipo (guerra nuclear, guerra convencional, antiguerrilha, manutenção da ordem interior, etc.) semeia o pânico da aplicação da violência «desproporcionada». É assim que, grosso modo, no plano da «ordem interior», é possível contrapor dois grandes tipos de violência repressiva de Estado: o tipo de resposta protagonizada pelas forças policiais parisienses durante o que se convencionou designar por «acontecimentos de Maio 68» e, por outro lado, o tipo de resposta da Guarda Nacional norte-americana durante as manifestações nos «campus» universitários, em 1970. Maurice Grimaud, prefeito de Paris à data dos «acontecimentos», refere, num fascinante texto publicado alguns anos depois («En mai, fais ce qui te plaît...») de que modo o prolongamento da «violência» constituiu um resultado directo da

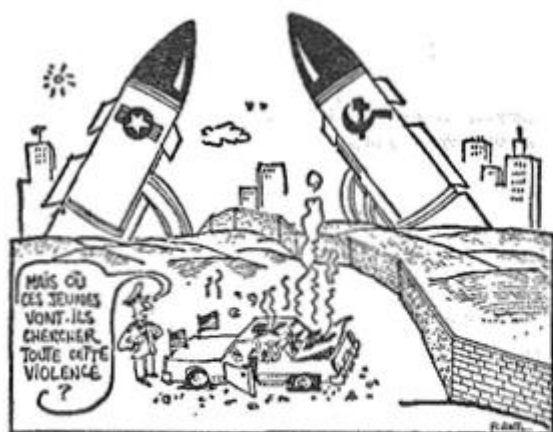


Fig. 1 — Cartoan de Plantu, extraído de *Le Monde*.

graduação ajustada das formas de violência repressiva então adoptadas. Esta graduação era, por sua vez, absolutamente requerida por uma decisão estratégica, assumida conscientemente: a recusa em provocar «morte», «uma morte», e em desencadear uma repressão tipo «extermínio dos revoltosos», por razões de tática de controlo da situação através da manutenção de um embora instável equilíbrio democrático (com as forças da oposição legal, partidos e sindicatos). Em contrapartida, muitos autores referem o desajustamento existente na situação americana de 1970, assinalando o facto de os guardas nacionais terem disparado, causando vítimas mortais, num contexto tal que é possível afirmar que destacamentos treinados na manutenção da «ordem interior» teriam enfrentado a situação de modo «graduado» e/ou, provavelmente, mais prolongado. A possibilidade de graduar a violência, através de panóplias diversificadas cria, ao nível tecnológico, as condições potenciais do controlo generalizado e da banalização. As condições efectivas de eficácia são, pelo contrário, da ordem do campo social. Em primeiro lugar, devido ao enquadramento exaustivo das sociedades modernas pelas redes de informação. Em segundo lugar, devido à complexidade dos campos sociais, o que implica, para além da complexidade genérica de funcionamento e da correlativa noção de «Pontos nevrálgicos» (tão caros a Malaparte) uma constitutiva complexidade de transmissão política, característica que valoriza simbolicamente os curto-circuitos da comunicação política institucional. «Se dessine par là, de même que pour l'arsenal, une ubiquité virtuelle des images de la violence qui se traduit, dans les pays où l'information est libre, par leur profusion. Il reste certes possible de faire le «black-out», mais alors les absences d'images deviennent à leur tour des images. «La chappe de plomb» «du silence devient la publicité de

l'inadmissible (Cambodge) ou, si on la fait jouer en sa faveur, celle, terrorisante, de l'indescriptible (Chili, Iran)». (Michaud, 1978).

Na conflitualidade das sociedades modernas a «batalha pelas imagens», tanto quanto a batalha pela (na) produção (ou pelo consumo), ganha uma nova dimensão e ocupa um lugar central nas estratégias de poder. «D'un seul geste toute communication est coupées entre la Pologne et nous, entre les Polonais eux-mêmes obligés de se serrer portes, fenêtres et yeux clos sur une angoisse trop infinie pour demeurer dicible... L'acte fou des mineurs de Silésie — ils s'enferment depuis dix jours sous terre — trouve sa raison à interrompre cette glaciation par le silence. Ils contraignent les autorités à mentionner, donc avouer, leur résistance» (Glucksmann, 1981).

SUMMARY

How can we relate violence with the representation of violence?

The reality of violence is an accomplice to violence's own representation through the media. It is a case of a market of images with competitive supplies and demands, ruled by communication strategies. The pitfall of any positive definition lies on the exclusion of those normative significations which form the network through which violence cannot aim at objectivity, by placing itself above evaluation, since it contains evaluation within itself. That definition is an evaluation inside the conflict of evaluations.

In modern societies conflicts the «battle for images» as much as the «battle for (in) production» takes a key position in the strategies of power.

REFERÊNCIAS

- GLUCKSMANN, A. (1981) — «Le choix», *Libération*, 26 de Dezembro.
- GURR, T. R. (1970) — *Why men rebel*, Princeton University Press, New Jersey.
- MICHAUD, Y. (1978) — *Violence et Politique*, Ed. Gallimard, Paris.